

O sentido do trágico e a efetividade do criar para além: Nietzsche e a plasmação dionisíaca

José Antônio Feitosa Apolinário *

Resumo:

Arriscamo-nos aqui em pensar sobre a vinculação entre a visão trágica do mundo e o sentido da criação em Nietzsche. Nossa pretensão consiste em abordar o significado do trágico nas incursões de sua filosofia, sobretudo nalgumas passagens de seus derradeiros escritos, supondo-o indissociável da perspectiva da afirmação incondicional da vida. De posse dessa articulação, será possível trazer à luz a percepção nietzschiana da criação, que, ao exprimir-se nas posições afirmativas do contínuo instaurar valores sob a ótica da vida, assevera e legitima o arrebatador vislumbre trágico da existência.

Palavras-chave: Trágico; Criação; Vida.

The sense of the tragic and the effectiveness to create beyond: Nietzsche and the dionysian shaping

Abstract:

We dare here to think the link between the tragic view of the world and the sense of creation in Nietzsche. Our intention is to approach the meaning of the tragic in the paths of his philosophy, above all in some passages of his later writings, supposing it's not separable from the perspective of unconditional affirmation of life. Building this articulation, it will be possible to bring to light the nietzschean perception of creation, which in expressing the affirmative positions of the ongoing instauration of values under the perspective of life, asserts and legitimates the rapturous tragic glimpse of existence.

Key-words: Tragic; Creation; Life.

Se o pensar é um *locus* experimental, e o experimentar uma espécie de 'jogar' com o pensamento, colocamo-nos essa incumbência assumidamente nietzschiana: arriscamo-nos em lançar pressuposições em torno da vinculação entre a visão trágica do mundo e o sentido da criação em Nietzsche. Laconicamente, nossa pretensão consiste em abordar o significado do trágico nas incursões de sua filosofia, sobretudo nalgumas passagens de seus derradeiros escritos, supondo-o indissociável da perspectiva da afirmação incondicional da

* Doutorando em Filosofia PIPGF-UFPE/UFPB/UFRN.

vida. De posse dessa articulação, e aqui reforçamos nossa conjectura, será possível trazer à luz a percepção nietzschiana da criação, que, ao exprimir-se nas posições afirmativas do contínuo instaurar valores sob a ótica da vida, assevera e legitima o arrebatador vislumbre trágico da existência. Com efeito, duas questões constituem pontos de partida ao itinerário reflexivo aqui tencionado: qual o significado do trágico na obra do Nietzsche tardio? E em que medida nos é permitido afirmar que a tarefa criadora apenas se torna possível a partir de uma apercepção da existência mesma como trágica?

A análise nietzschiana do fenômeno trágico já toma corpo em *O Nascimento da Tragédia*. Neste, o elemento dionisíaco é responsável pelo brotamento da tragédia ática por meio do espírito da música ditirâmbica, visto que constitui o impulso estético expressivo de uma vontade metafísica criadora-aniquiladora fundadora da arte trágica, anteriormente a toda individuação do elemento apolíneo. Assim, a manjedoura da tragédia é o coro, pois a música resplandece as forças e instâncias absconditas de Dionísio, as quais se objetivam ao transfigurarem-se nas medidas oníricas de Apolo. Nas palavras de Nietzsche, “devemos compreender a tragédia grega como sendo o coro dionisíaco a descarregar-se sempre de novo em um mundo de imagens apolíneo” (NIETZSCHE, F. NT, §8).

Mas quem é Dionísio? O que Nietzsche entende pelo termo *dionisíaco*? Já como elemento estético sua figuração remete à embriaguez, ao orgíaco, à destruição, os quais, na ótica deste filósofo, enunciam a prostração de quaisquer limites ou medidas da existência: em seu íntimo originário, a natureza mesma, na condição de uno primordial, é abismal e horrífica, esse é o apanágio dionisíaco que a máscara apolínea embeleza em seu trabalho de superfície. Não obstante posicionar-se nos trilhos de uma metafísica da vontade bastante aparentada à estética de Schopenhauer, Nietzsche, ao contrário daquele, é seduzido por Dionísio, pela dinâmica inaudita da vida como pano de fundo da civilização. Tal perspectiva irá atravessar o itinerário de suas reflexões até soerguer-se como um dos frontispícios mais recorrentes nas últimas obras, tanto nos livros publicados como nos fragmentos póstumos.

Em *Além do Bem e do Mal*, Dionísio é mencionado como deus-filósofo, possivelmente como presságio a uma identificação ulterior (Nietzsche-Dionísio)¹. Em

¹ “Ninguém menos que o deus *Dionísio*, esse grande ambíguo e deus-tentador... Nesse meio tempo aprendi mais, e até demais, sobre a filosofia desse deus, de boca em boca, como disse – eu, o derradeiro iniciado e último discípulo do deus *Dionísio*” (BM, §295). Outrossim em *Crepúsculo dos Ídolos* Nietzsche volta a

Crepúsculo dos Ídolos, é re-significado numa leitura psicofisiológica que haure um homem dionisíaco incapaz de desconsiderar os sinais afetivos-copóreos, sendo o único a abrigar em si o ininterrupto transmutar-se². Com isso, a concepção nietzschiana do dionisíaco vai assumindo uma posição fundamental em seu pensamento, pois não mais se adstringe ao âmbito estético, alcançando assim a condição de chave de interpretação filosófica da totalidade da vida. Desse modo, prepara-se o terreno à configuração de uma filosofia dionisíaca, enquanto ‘filosofia trágica’, e concomitantemente, como medida crítica da experiência morigerada do homem moderno.

Segundo Nietzsche, a descoberta do dionisíaco considerado como derradeira fronteira da afirmação, constitui o vir à tona de uma mundividência que salta sobre qualquer aviltada interpretação moral do mundo, qual seja socrático-platônica, cristã, schopenhauriana ou numa palavra, idealista. A visão dionisíaca do mundo revela-se “uma fórmula de afirmação suprema nascida da abundância, da superabundância, um dizer Sim sem reservas, ao sofrimento mesmo, à culpa mesmo, a tudo o que é estranho e questionável na existência” (EH., “O nascimento da tragédia”, § 2). Nietzsche declara essa visão sobre a vida a mais nobre e profunda, porquanto nenhum aspecto desta é negado ou rejeitado em nome de além-mundos fictícios ou egipcismos filosóficos através dos quais traveste-se o instinto de vingança, o instinto que se opõe à vida. Num fragmento póstumo da primavera de 1888, escrito à época da confecção do *Ecce Homo*, ele atesta essa apreensão do impulso dionisíaco tal como

uma afirmação extasiada da vida como totalidade enquanto ela é igual a si mesma em toda mudança, igualmente poderosa, igualmente feliz; a grande participação panteísta na alegria e na dor, que aprova e que santifica até os aspectos mais terríveis e mais enigmáticos da vida; a eterna vontade de gerar, de produzir e reproduzir; o sentimento da unidade necessária da criação e da destruição. (NIETZSCHE *apud* LEFRANC, Jean. *Compreender Nietzsche*, p. 70)

arrogar-se a mesma alcunha: “eu, o último discípulo do filósofo Dionísio – eu, o mestre do eterno retorno...” (CI, “O que devo aos antigos”, §5).

² “É impossível para o homem dionisíaco não entender uma sugestão qualquer, ele não desconsidera nenhum sinal dos afetos, ele tem no grau mais elevado o instinto intelectual e divinatório, assim como possui no grau mais elevado a arte da comunicação. Ele se insere em cada pele e em cada afeto: ele transforma-se constantemente” (CI, “Incursões de um extemporâneo”, §10).

Compreender Dionísio corresponde então a posicionar-se desde já sob a ótica da vida, a perceber-se como inserido no caráter trágico de todo o existir e de tudo o que nele há de terrífico e problemático. Por conseguinte, a concepção do trágico em Nietzsche diz respeito ao irrestrito Sim à vida, como afirma o próprio filósofo: “a vontade de vida, alegrando-se da própria inesgotabilidade no *sacrifício* de seus mais elevados tipos – a isto chamei dionisíaco, isto entendi como a ponte para a psicologia do poeta trágico” (EH, “O nascimento da tragédia”, §3). A vida é trágica na medida em que é assumida dionisiacamente. Justamente o regozijar-se com o devir, com o prazer do eterno vir-a-ser, regozijo esse indicativo de afirmação e assunção da existência, que se desvela no pensamento nietzschiano acerca do trágico. É sob esse prisma que Nietzsche desenvolve um ‘conhecimento trágico’ como contraposição ao pessimismo latente na filosofia ocidental desde Platão, imputando-se uma originalidade filosófica: “Nesse sentido, tenho o direito de considerar-me o primeiro *filósofo trágico* – ou seja, o mais extremo oposto e antípoda de um filósofo pessimista. Antes de mim não há essa transposição do dionisíaco em um *pathos* filosófico: falta a *sabedoria trágica*” (EH, “O nascimento da tragédia”, §3).

Nietzsche reconhece apenas em Heráclito um parentesco no olhar; nele configurar-se-ia a ante-sala pré-socrática de sua cosmovisão:

A afirmação do fluir e do destruir, o decisivo numa filosofia dionisíaca, o dizer Sim à oposição e à guerra, o *vir a ser*, com radical rejeição até mesmo da noção de “Ser” – nisto devo reconhecer, em toda circunstância, o que me é mais aparentado entre o que até agora foi pensado. (EH, “O nascimento da tragédia”, §3).

Sendo assim, o filósofo trágico, em completa correspondência com o homem dionisíaco, é uma expressão da própria vida entendida como vontade de poder, a saber, como pluralidade de forças inter-relacionadas que se digladiam numa permanente tensão constitutiva de hierarquias transitórias, como jogo, dinâmica, processo eternamente recorrente que abarca múltiplos arranjos de forças as quais lutam por mais poder. Daí se segue que o filósofo trágico exprime, por meio do *pathos*, uma hierarquia de impulsos que querem afirmar-se, e é assim que o próprio Nietzsche o intitula: “o *pathos afirmativo par excellence*, por mim denominado *pathos trágico*” (EH, “Assim falou Zaratustra”, §1). Aqui está implicado um dos principais desideratos nietzschianos: o cultivo de um tipo humano

trágico, capaz de ultrapassar resistências, destruindo e impondo novas configurações de forças para, por essa via, autenticar um *modus* de experiência existencial que apenas uma espécie elevada e forte seria capaz de conduzir:

Os homens mais espirituosos, pressupondo-se que eles são também os mais corajosos, são aqueles que melhor e mais amplamente vivenciam as tragédias mais dolorosas: mesmo por isso, contudo, eles honram a vida; porque ela lhes contrapõe o seu maior antagonismo. (CI, “Incursoes de um extemporâneo”, §17).

Ora, se a vontade de poder que atravessa o vivente inscreve nele a possibilidade de novas conformações de sentido, considera-se tal vontade como força plasmadora, e desse modo, criadora: “ele intensificaria sua potência ao moldar e organizar o caos” (ARALDI, C. L. *Nilismo, criação, aniquilamento*, p. 414). Nisso consiste o efetivar-se plástico da vontade de poder enquanto garantia do exercício de auto-superação de e *do si* mesmo, que Nietzsche aclama: “amo aquele que quer criar para além de si e, destarte, perece”. (NIETZSCHE, F. ZA, “Do caminho do criador”). Heidegger parece apontar na mesma direção quando de sua interpretação da vontade de poder nietzschiana: “a vontade só é vontade como querer-para-além-de-si-mesmo, como mais-querer” (HEIDEGGER, M. *Nietzsche*, p. 46). Divisa-se então que, se há em Nietzsche a exigência de conceber um modelo de homem suficientemente forte que afirme a existência por total, tal modelo passa pela compreensão do fenômeno da criação em seu terreno filosófico.

Filão bastante presente no filósofo do Zarathustra, a noção de criação acompanha visceralmente a construção das figuras de pensamento nietzschianas, principalmente de suas tipologias humanas: desde as elaborações concernentes ao caráter salvífico-transfigurador inscrito no *herói trágico* grego, passando pelo *espírito livre*, pelo tipo *forte* e *senhor*. Em *Além do Bem e do Mal*, Nietzsche a compreende numa configuração dessacralizada enquanto traço da condição humana: “No homem estão unidos *criador* e *criatura*: no homem há matéria, fragmento, abundância, lodo, argila, absurdo, caos; mas no homem há também criador, escultor, dureza de martelo, deus-espectador e sétimo dia” (BM, §225). Criar, nesse contexto, confunde-se com expressar e emancipar instintos, impulsos, assenhorar-se do turbilhão que é a vida, no sentido da efetivação de *poder*. Somente o filósofo trágico seria capaz de compreender e apropriar-se dessa sutileza.

Dessa perspectiva, podemos entreolhar a crítica nietzschiana à moral não apenas como crítica a toda filosofia que se opõe à vida, mas como valorização da atividade criadora que atravessa o humano enquanto vontade de poder e que se articula com a tragicidade. Em nome disso, há uma reivindicação da filosofia como criação de valor, como instauração de valores, imprescindível ao próprio ato de filosofar, em detrimento de um pensar meramente conservador de valores vigentes e por isso mesmo estéril e frívolo aos olhos de Nietzsche. Dessa maneira, a alegoria do filosofar com a severidade do martelo obtém sentido, pois a tarefa criadora, artístico-dionisíaca, abarca em si a própria destruição: “entre as precondições para uma tarefa *dionisíaca*, é decisiva a dureza do martelo, o *prazer mesmo no destruir*. O imperativo: ‘tornai-vos duros!’, a mais básica certeza de que *todos os criadores são duros*, é a verdadeira marca de uma natureza dionisíaca” (EH, “Assim falou Zaratustra”, § 8).

O selo dessa dureza de martelo é simbolizado por Nietzsche em sua radical oposição aos conteúdos crepusculares da tradição platônico-cristã nas últimas linhas de *Ecce Homo*, com a expressão ‘Dionísio contra o Crucificado’. A moral cristã representa aqui a mais perfeita forma de antinatureza, o menoscabo ao corpo, aos impulsos, à sexualidade, a consolidação do declínio fisiológico por uma completa negação da vida. Ora, os valores arraigados a essa percepção do mundo – tidos por valores supremos – constituem a mola propulsora de tal degenerescência. Isso significa que a empreitada nietzschiana de uma transvaloração dos valores deve consumir a criação de novos valores, tomando como pressuposto a destruição dos valores cristãos e de toda psicologia do cristianismo enredada nas figuras do escravo, do fisiologicamente fraco, do animal ressentido. Dionísio é o deus-antípoda escolhido por Nietzsche para dar vazão à plasmação de valores enaltecidos da complexidade da existência, sem desconhecê-la ou negá-la nas suas mais ínfimas vicissitudes. Tomemos por base o significado dessa expressão, deslindado pelo próprio filósofo em questão, num póstumo da primavera de 1888:

Dionísio contra o crucificado: eis aí a oposição. Não é uma diferença quanto ao martírio deles – mas este martírio tem um outro sentido. A própria vida, sua eterna fecundidade e renovação, supõe o tormento, a destruição, a vontade de aniquilamento. No outro caso, o sofrimento, o ‘crucificado como inocente’ causam objeção contra a vida e trazem condenação contra ela. É fácil entender: o problema é o sentido do

sofrimento, isto é, se ele tem um sentido cristão ou um sentido trágico. No primeiro caso, ele deve ser o caminho que leva a uma existência santificada; no segundo caso, a existência é considerada como *suficientemente santificada* para justificar uma monstruosidade de sofrimento. O homem trágico consente até mesmo no sofrimento mais agudo; ele é suficientemente forte, rico, bastante divinizante para isso; o cristão renega até mesmo a sorte mais feliz na terra: ele é bastante fraco, pobre, deserdado para sofrer ainda com toda forma de vida. O deus na cruz é uma maldição lançada contra a vida, uma advertência para livrar-se dela; – Dioniso cortado em pedaços é uma promessa de vida: ele renascerá eternamente e voltará sempre da destruição. (NIETZSCHE, F. FP 14 [89] *apud* LEFRANC, J. Op. Cit., p. 70).

Por conseguinte, unicamente a uma tipologia do homem trágico poder-se-ia vincular a tarefa criadora. Como tal, ele encontra-se destituído de qualquer compromisso ratificador de valores débeis porquanto desabonadores da vida. O próprio ‘além-do-homem’ nietzschiano é perseguido como o emblema possibilitador de uma nova posição de valores que se faz necessária diante da fraude representada pelo niilismo da tradição cristã: ele enxerga a vida sob o prisma da vontade de poder e suporta o peso da eterna recorrência. Contudo, o Nietzsche tardio ainda parece preservar uma acepção de homem enquanto ‘tipo superior’, creditando a ela uma elevação do ser humano. Com isso, ele parece oferecer uma alternativa ainda humana à invenção de tais valores.

É exatamente Dionísio no homem em suas mais diversas aparições, seja como homem trágico, filósofo do futuro, ou tipo superior, que é forjado por Nietzsche como ‘o criador’. Na medida em que a vontade de poder se manifesta no humano enquanto impulso inventor do mundo, plasmador da vida, tal vontade caracteriza-se como instinto artístico, e assim é compreendida e reendossada uma justificação estética da existência. Logo, é enquanto arte que a vontade atravessa o homem que interpreta de modo perspectivístico o mundo, e por assim dizer cria, em função da intensificação de poder de um efêmero arranjo de forças, as ilusões e aparências como valores e estimativas de valor. Poder-se-ia inferir que encontramos diante de uma interpretação do criar bastante recorrente na ossatura da filosofia nietzschiana. Uma plausível confirmação da mesma nos é oferecida em *A Gaia Ciência*:

O que quer que tenha *valor* no mundo de hoje não o tem em si, conforme sua natureza – a natureza é sempre isenta de valor: - foi-lhe dado, oferecido um valor, e fomos *nós* esses doadores e ofertadores! O mundo

que tem *algum interesse para o ser humano*, fomos nós que o criamos!
(GC, § 301).

Nietzsche compreende o trágico a partir da diversidade de aspectos sombrios e aterrorizantes que são intrínsecos à vida, além de enxergá-lo como possibilidade de transfiguração afirmativa desses aspectos sob a égide do dionisíaco entendido, primeiro, enquanto pulsão artística e ademais como analogia da vontade de poder. Aceitar incondicionalmente a ausência de sentido da existência, o fluxo incessante do devir como palco de repetidas lutas entre forças e, mediante tal apercepção, talhar valores em conformidade com esse conhecimento que se sabe trágico, cabe apenas a um tipo humano afirmativo e criativo. Este, aos olhos de Nietzsche, seria o vivente capaz de assumir integralmente as dilacerações da existência e assim santificá-la.

Referências Bibliográficas:

- ARALDI, Clademir Luís. *Nilismo, criação, aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos*. São Paulo: Discurso / UNIJUÍ, 2004.
- HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. Vol. I.
- LEFRANC, Jean. *Compreender Nietzsche*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Assim falou Zaratustra*. 12 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. *Crepúsculo dos ídolos – ou como filosofar com o martelo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- _____. *Ecce homo*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. *O nascimento da tragédia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.